

Mariátegui no Brasil e o marxismo na América Latina – entrevista com Luiz Bernardo Pericás*

Professor do Departamento de História Econômica da Universidade de São Paulo (USP), pesquisador, escritor, Luiz Bernardo Pericás tem se dedicado a estudar movimentos sociais, pensamento político brasileiro, marxismo da América Latina e temas similares. Traduziu, organizou e prefaciou quatro livros sobre José Carlos Mariátegui no Brasil, *Dos sonhos as coisas*, *Sobre a educação*, *As origens do fascismo*, *Revolução Russa: história, política e literatura*, além de escrever ensaios esparsos e participar de eventos internacionais sobre o autor peruano. Isso o tem credenciado como uma das principais referenciais sobre o Amauta no país.

Nesta instigante entrevista, Pericás discorre sobre a descoberta de Mariátegui situando-a em seu itinerário intelectual; o contato que realizou com alguns “mariateguistas”; o encontro com os zapatistas de Chiapas; a recepção de Mariátegui no Brasil por alguns intelectuais e movimentos sociais; a comparação entre Mariátegui e Che Guevara (sobre quem escreveu dois livros, *Che Guevara e o debate econômico em Cuba* e *Che Guevara e a luta revolucionária na Bolívia*); e o legado contraditório do “mariateguismo”.

O senhor tem mais de 20 longos anos de pesquisa voltados principalmente para a história da América Latina. O que o levou a este campo de pesquisa? Quando foi que se aproximou da obra de Jose Carlos Mariátegui (JCM)?

A primeira vez que tive contato com a obra de Mariátegui foi há mais de 20 anos, quando era pesquisador do Centro Brasileiro de Estudos Latino-Americanos

* Realizada por Deni Alfaro Rubbo e Sílvia Adoue por correio eletrônico, em agosto de 2019.

(CBELA), na época situado na ECA/USP. Na ocasião, li a coletânea organizada por Manoel Bellotto e Anna Maria Corrêa, da coleção “Grandes cientistas sociais”, coordenada por Florestan Fernandes e publicada pela Ática. O entusiasmo foi grande e, pouco tempo mais tarde, comprei, aqui mesmo em São Paulo, a edição mexicana dos *Sete ensaios e Textos básicos...*, o volume organizado por Aníbal Quijano e editado pela Fondo de Cultura Económica. Daí em diante, continuei a adquirir a obra do Amauta (ou sobre ele) onde pudesse: no Peru, no México, nos Estados Unidos (em alguns casos, tirando fotocópias de livros inteiros de bibliotecas universitárias de diferentes países). E me aproximei de estudiosos e pesquisadores, nacionais e estrangeiros, me correspondendo com eles, discutindo aspectos da obra de JCM, pedindo conselhos e sugestões para artigos e traduções que preparava no momento.

Entre os “mariateguistas” com quem tive contato, dois se destacam: Rodrigo Montoya (docente da Universidad Nacional Mayor de San Marcos) e Antonio Melis (crítico literário, peruanista, especialista em língua e literatura hispano-americana da Faculdade de Letras da Universidade de Siena). Na época em que estudei na pós-graduação do Departamento de História da USP, tive aulas com Montoya, o qual lecionava sobre diversos aspectos das lutas sociais no Peru. Ele apresentou boa quantidade de artigos jornalísticos e acadêmicos sobre personalidades e organizações políticas de seu país. Os debates eram bastante democráticos, leves e estimulantes. Entre os assuntos abordados em sala de aula (ou fora dela), discutíamos Mariátegui e sua atualidade. A União Soviética havia acabado de ser dissolvida e muitos de nós nos perguntávamos quais seriam os caminhos para o socialismo daí em diante. Os diálogos com Montoya, com outros professores da USP e com colegas e militantes de organizações de esquerda seriam prolongados e polêmicos.

Naquele período os zapatistas apareciam publicamente em Chiapas, o que acrescentava mais um ingrediente aos debates do campo progressista. Havia muitas reuniões, seminários e constituição de comitês em apoio ao EZLN. A ideia de uma luta popular e autonomista por terras e dignidade realizada por camponeses indígenas sintonizada com a crítica à globalização e ao imperialismo (incluindo-se aí os acordos econômicos entre o governo do México e o dos Estados Unidos) entusiasmava os jovens. Não se sabia ao certo quem eram aqueles combatentes, mas havia um grande suporte à sua pauta, que unia o “local” (as especificidades do campo mexicano e das demandas tradicionais das comunidades indígenas) com o “universal”, o caráter internacional do capitalismo e seus efeitos nos países do Terceiro Mundo. Nesse contexto, Mariátegui era lido como subsídio para a participação nas manifestações populares contemporâneas.

Vários anos mais tarde, quando morei no México, visitei algumas comunidades zapatistas e tentei entrevistar suas lideranças. Em uma delas, creio que em Oventic, fui levado por guerrilheiros encapuzados, armados de fuzis (mas trajando roupas bem simples, chinelos e camisas rasgadas), até uma cabana de madeira. Em vez

de entrevistá-los, foram eles que me interrogaram! Diante de mim, um comitê de vários combatentes com os rostos cobertos de *pasamontañas*. E sobre a mesa, o livro *Sete ensaios*, do Mariátegui! Por aí, pode-se ver a influência, mesmo que simbólica, do Amauta nas lutas de nossos tempos...

Na época em que conheci Montoya, meu orientador na USP era o Werner Altmann, que também tinha grande interesse tanto por JCM como pelos zapatasistas (ele havia estudado no México e era especialista na história daquele país). Por certo, iria conversar sobre esses temas com ele. No final da década de 1990, Paulo Barsotti e eu íamos organizar o livro *América Latina: história, ideias e revolução*, no qual incluímos um texto de Montoya que discutia os movimentos indígenas na América do Sul e outro do Werner acerca do EZLN. E também um artigo de Adolfo Sánchez Vásquez sobre Mariátegui.

Outro intelectual com quem tive um rápido convívio foi Antonio Melis, num evento do qual participamos na Universidade Federal Fluminense, em colaboração com o MST. Foi uma jornada empolgante: o seminário foi realizado no campus da UFF dentro de uma enorme tenda de circo e contou com um público diversificado (os organizadores me disseram que havia em torno de mil pessoas, entre estudantes e militantes sociais). Na ocasião falei sobre Che Guevara e Melis sobre o Amauta. Conversamos bastante na ocasião e, depois, mantivemos uma correspondência intermitente. Ele me enviou cópia de um material muito interessante dos arquivos de JCM, me auxiliou na tradução de alguns aspectos de textos do Mariátegui e chegou a preparar (logo depois de sair de uma cirurgia, ainda na cama de um hospital) a orelha do livro que organizei com artigos do jornalista peruano sobre as origens do fascismo, que a editora, por algum motivo misterioso (talvez por um certo grau de desorganização e troca constante de equipe de revisores e diagramadores), não incluiu no volume, o que me deixou bastante incomodado na época, considerando que Melis não só havia sido extremamente gentil em preparar aquelas linhas enquanto convalescia, prostrado num quarto hospitalar, mas por ser, como se sabe, um dos maiores estudiosos da obra de Mariátegui no mundo.

Você traduziu, organizou e prefaciou livros de JCM no Brasil, escreveu inúmeros ensaios sobre o autor, e, por tudo isso, é considerado atualmente o principal difusor da obra mariateguiana no país. Qual é seu balanço com relação ao interesse das editoras e do público brasileiro sobre o marxista andino?

A recepção de Mariátegui foi lenta no Brasil, ainda que em anos recentes seja possível verificar um número maior de publicações relacionadas a ele. Seu principal livro, *Sete ensaios de interpretação da realidade peruana*, só foi publicado por aqui em 1975, com tradução de Salvador Obiol e Caetano Lagrasta (não custa lembrar que, antes disso, a mesma obra já havia sido lançada no Chile, em Cuba, na União Soviética, na França, no México, no Uruguai, nos Estados Unidos e na Itália). Daí em diante, nomes como Michael Löwy, Enrique Amayo, José Antônio Segatto, Leila Escorsim, entre outros, se esforçaram para difundir suas ideias.

Nesse sentido, obras de Mariátegui (ou sobre ele) começaram a ser publicadas por editoras comerciais e acadêmicas, como a Brasiliense, Alfa-Omega, UFRJ, Ática, Unesp, Xamã, Alameda, Expressão Popular e Boitempo, o que certamente iria ampliar seu público. Muito ainda precisa ser feito, contudo, para tornar seus trabalhos mais conhecidos entre os leitores brasileiros.

Apesar da produção de algumas dissertações e teses sobre Mariátegui no Brasil nos últimos anos, chama atenção que o espaço onde seu pensamento é mais discutido, cultivado e debatido não é dentro das universidades, mas em movimentos sociais, como o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra e a Via Campesina. Cursos anuais de formação política são oferecidos sobre diversas facetas do pensador peruano na Escola Nacional Florestan Fernandes (ENFF). Como enxerga isso?

As universidades ainda precisam assimilar, de maneira mais ampla e crítica, a obra de Mariátegui no Brasil. Vale lembrar que intelectuais e editores, como Carlos Nelson Coutinho, Leandro Konder e Ênio Silveira, por exemplo, tiveram um papel fundamental em difundir o pensamento de Gramsci e Lukács em nosso país. Foram capazes de divulgá-los no meio acadêmico, além de construir uma análise sofisticada sobre o ideário de ambos os autores, fazendo que fossem incorporados aos debates sobre as questões políticas prementes discutidas nos anos de chumbo, tanto dentro das faculdades como entre as esquerdas de modo geral. No caso de JCM, ainda que ele fosse lido e citado por um historiador do porte de Nelson Werneck Sodré (especialmente em seu Formação histórica do Brasil), só começaria a ser mais propalado, de fato, a partir da iniciativa pioneira de Florestan Fernandes, que teve um papel fundamental em disseminar seus textos e de incorporá-lo ao cânone dos autores marxistas que deveriam ser reavaliados nos tempos da ditadura militar e também depois, no período da redemocratização e após o fim da URSS. Florestan via nos textos de JCM uma inspiração e uma ferramenta teórica para a construção de um novo modelo de socialismo, oxigenado, flexível, heterodoxo, criativo, original, que servisse como contraponto à linha calcificada e burocratizada soviética.

Mesmo com os esforços louváveis do sociólogo brasileiro, contudo, Mariátegui penetrou timidamente na universidade em nosso país. E sua incorporação foi, em grande medida, resultado de esforço pessoal e hercúleo de alguns professores e intelectuais, que viram no Amauta um autor fundamental para se compreender a realidade de nosso continente. É verdade que, de maneira restrita, a presença circunstancial de alguns “mariateguistas” estrangeiros por aqui ajudou (mesmo que entre grupos limitados) a estimular o interesse por sua obra. Rodrigo Montoya, Antonio Melis, Anibal Quijano, Harry Vanden, Sara Beatriz Guardia e Miguel Mazzeo, entre outros, passaram temporadas no país, convidados para dar aulas ou palestras em diferentes instituições. Esse contato com pesquisadores internacionais pode ser visto como, no mínimo, instigante para quem tratava do tema à época em

que estiveram no Brasil (é só recordar que atualmente alguns brasileiros fazem parte do comitê consultivo da Cátedra José Carlos Mariátegui, em Lima, da qual Sandro, filho de JCM, era o presidente de honra; e que estudiosos de nosso país têm participado de congressos sobre o jornalista peruano e escrito artigos que figuram em publicações nacionais e internacionais).

Um autor muito importante, ligado ao sistema educacional, que certamente leu Mariátegui e o utilizou como referência bibliográfica, foi Darcy Ribeiro (a edição dos *Sete ensaios* que ele consultava era a cubana, de 1963). Para entender a América Latina e a dinâmica histórica e social do continente, portanto, ele se valeria de JCM como fonte. Mas não só ele. Ou seja, também citaria como referência nomes bastante heterogêneos, como Rodney Arismendi, Paul Baran, Paul Sweezy, Pablo González Casanova, Ezequiel Martínez Estrada, André Gunder Frank, José Ingenieros, Gregorio Selser, Waldo Frank, Sergio Bagu, Vicente Lombardo Toledano, Carlos Rama, Che Guevara, Fidel Castro, Silvio Frondizi, Benito Marianetti, Rodolfo Puiggrós, Jorge Abelardo Ramos, entre muitos outros. Isso para não falar dos teóricos políticos de maneira mais ampla. Mariátegui seria, por certo, uma referência analítica. Mas se nos ativermos apenas aos nomes vinculados à esquerda internacional, o autor de *O povo brasileiro* também mencionará entre suas leituras referenciais personagens muito dispares (tanto em sofisticação como em posicionamentos ideológicos) como Antonio Gramsci, Oskar Lange, Georg Lukács, Herbert Marcuse, Karl Marx, Friedrich Engels, Gunnar Myrdal, C. Wright Mills, Frantz Fanon e V. I. Lênin, por exemplo. Não custa lembrar que Darcy (que tinha grande interesse por pedagogia, antropologia, indigenismo e as experiências revolucionárias do continente) viveu no Peru e lá absorveu uma literatura político-histórica local (ou sobre o país), tendo lido, além de JCM, obras de Louis Baudin, François Bourricaud, Carlos Delgado, Ismael Frías, Harry Kantor, José Matos Mar, Aníbal Quijano, Luís Alberto Sánchez, Luís de la Puente Uceda e Victor Villanueva, só para citar alguns. De qualquer forma, ainda que Darcy possa ser identificado como um homem preocupado com a criação e o desenvolvimento de universidades e de um sistema educacional democrático e popular de qualidade, e que também tenha lido com cuidado a obra mais importante de Mariátegui, é difícil perceber uma influência direta e explícita das ideias do Amauta em seus projetos políticos e educacionais, inclusive no ensino superior de nosso país.

Apesar de tudo, é possível perceber um lento, mas constante, interesse na obra do Amauta por aqui. Algumas dissertações de mestrado e teses de doutorado têm sido produzidas em anos recentes sobre ele, assim como suas ideias, discutidas em disciplinas em áreas distintas, como história da América Latina contemporânea, ciência política e sociologia. Os movimentos sociais e partidos de esquerda, por sua vez, têm organizado sistematicamente, há alguns anos, cursos de formação de quadros que colocam ênfase em pensadores e dirigentes marxistas latino-americanos, como Che Guevara, Carlos Marighella, Ruy Mauro Marini, Florestan Fernandes, Caio Prado Júnior, José Carlos Mariátegui e tantos outros. O estudo

da vida e obra desses personagens é praticamente obrigatório nas organizações populares. No caso da ENFF, vários docentes têm ministrado aulas sobre JCM para alunos brasileiros e estrangeiros; o retrato de Mariátegui adorna algumas salas e paredes da instituição; e seu nome é sempre lembrado como um “lutador do povo”. Sem dúvida, para se entender o marxismo em nossa América, não se pode prescindir de conhecer os trabalhos do autor dos *Sete ensaios de interpretação da realidade peruana*.

Quais são as afinidades e divergências possíveis entre a figura de Che Guevara e JCM?

Estamos falando de dois personagens muito importantes para o marxismo na América Latina. Ambos foram intelectuais comprometidos com as lutas de seu tempo, que se esforçaram para interpretar a dinâmica de sua época e as características de nosso continente. Os dois escreveram obras fundamentais e tiveram atuação política direta (no caso do Che, ele foi comandante durante a guerra revolucionária em Cuba, presidente do Banco Nacional e ministro das Indústrias daquele país, enquanto Mariátegui foi fundador do Partido Socialista e da Confederação Geral dos Trabalhadores do Peru). Tanto JCM como Guevara representam um marxismo renovado, heterodoxo, aberto a novos influxos teóricos e que se apresentava como uma alternativa ao “socialismo real” propugnado por Moscou.

O leque de interesses dos dois era vasto. O Amauta escreveria sobre temas variados: cinema, livros, teatro, política internacional, questão agrária. O mesmo pode ser dito do revolucionário argentino. Sabe-se de seu grande apreço por poesia e pela literatura universal, tanto através de suas resenhas de obras de ficção na juventude como de seus diários e listas de leitura no final da vida. É verdade que não se dedicou com maior profundidade a discutir a variedade de temas explorados por Mariátegui, mas é possível encontrar textos de Guevara que transitavam por assuntos como economia, memorialística, política externa, questões militares, desenvolvimento industrial e filosofia, por exemplo. O “guerrilheiro heroico” não era jornalista, como JCM, mas há textos dele que utilizavam a linguagem e o estilo jornalístico, como aqueles publicados no *Verde Olivo* e mais tarde compilados no livro *Che periodista*, publicado pela Editorial Pablo de la Torriente. Também podemos lembrar que há a coincidência de que os dois nasceram no mesmo dia e mês, 14 de junho, ainda que isso, é claro, não seja importante do ponto de vista formal. Em outras palavras, é apenas uma curiosidade histórica...

É sabido que o jovem Ernesto leu os *Sete ensaios*, gostou do livro e se influenciou por aquele trabalho. E que conheceu no Peru o médico e militante comunista Hugo Pesce (chamado por ele de “mestre”), amigo íntimo de Mariátegui e membro do PSP (depois, do PCP), com quem conviveu brevemente. Guevara admirava muito Pesce, que defendia as mesmas ideias do Amauta. Pesce aparece nos diários de Ernesto e de Alberto Granado, assim como no filme de Walter Salles sobre a viagem dos dois colegas de motocicleta pela América do Sul. Alguns anos mais

tarde, Guevara enviaria ao médico peruano um exemplar de sua obra *Guerra de guerrilhas*, com uma dedicatória: “Ao doutor Hugo Pesce, que, talvez sem o saber, provocou uma grande mudança na minha atitude em relação à vida e à sociedade, com o mesmo espírito aventureiro de sempre, porém canalizado na direção de objetivos mais condizentes com as necessidades da América”.

Che e JCM viam a revolução socialista como um processo permanente, ininterrupto. Ou seja, contrapunham a ideia do etapismo defendido originalmente pelo Comintern e pelos PCs pró-soviéticos. A luta para nossos dois pensadores seria ao mesmo tempo anti-imperialista e socialista, colocando ênfase no campesinato como agente protagonista das mudanças juntamente com o proletariado urbano. A burguesia, portanto, deveria sempre ser vista com desconfiança nesse processo.

É claro que estamos falando aqui de épocas diferentes. O autor dos *Sete ensaios* atuou na década de 1920, enquanto o “guerrilheiro heroico”, da segunda metade dos anos 1950 até 1967. São dois momentos históricos bastante distintos. No caso de Mariátegui, a Revolução de Outubro ainda era algo novo, recente, que inspirava os jovens de sua geração, através de figuras como Lênin, Trotsky e Lunatcharsky, por exemplo. Quando Guevara ainda era um rapaz, a URSS era vista favoravelmente por muita gente como um modelo revolucionário. O país representava a “pátria do socialismo”, que havia derrotado o nazi-fascismo e que se erguia contra o imperialismo norte-americano. Mais tarde, porém, isso mudaria. A opinião do Che e de jovens de esquerda no mundo inteiro seria afetada pelos desdobramentos da Revolução Chinesa e pelo triunfo da Revolução Cubana. Guevara ficaria incomodado com o comportamento dos soviéticos durante a Crise dos Mísseis e se decepcionaria com vários aspectos da URSS, como a qualidade dos produtos, a falta de eficiência e produtividade nas fábricas, o cálculo econômico na gestão industrial, o burocratismo, a defesa da política de “coexistência pacífica” no campo internacional, o reformismo. Ele expressaria sua insatisfação em discursos e artigos. E defenderia a luta armada no campo, algo que não era proposto por Mariátegui, que dava maior ênfase a uma articulação entre os aspectos culturais e de formação (com a revista *Amauta*, o jornal *Labor*, a promoção de bibliotecas e centros de estudos de trabalhadores) e os aspectos de organização e atuação política através de seu partido e dos sindicatos.

Por certo, Guevara também achava muito importante a formação intelectual dos trabalhadores e se esforçava para dar condições para que os obreiros tivessem maior preparo cultural e consciência política. Também sabia do papel fundamental do partido (e da qualidade de seus quadros) e dos sindicatos. Mas, no caso dos países do Terceiro Mundo (a América Latina incluída), o caminho para chegar ao triunfo revolucionário passaria, em grande medida, pela guerrilha rural, como ocorrera em Cuba. Por isso, o apoio a diferentes experiências de luta armada em nosso continente.

Não custa ressaltar que Che participou ativamente de uma revolução triunfante e teve papel fundamental nela. Não só teorizou sobre os caminhos para o êxito

revolucionário, como também escreveu sobre a edificação do socialismo (e agiu para colocar isso em prática). Foi obrigado a se debruçar sobre temas como o anti-imperialismo, a criação do “Homem Novo” e o desenvolvimento econômico a partir do ponto de vista de uma liderança política que fazia parte integral de um governo revolucionário, que deveria tratar de questões de Estado cotidianamente (algo que nunca ocorreu com Mariátegui), tendo que enfrentar disputas de projetos políticos e as limitações da realidade objetiva de um país periférico, pequeno e dependente, sofrendo ameaças constantes dos Estados Unidos. Por isso, é possível ver, por exemplo, posições muito particulares de Guevara sobre a função dos sindicatos (que deveriam se adaptar à nova realidade de construção do socialismo em Cuba), que se mostram diferentes daquelas defendidas por JCM, que vivia em outra situação histórica (ou seja, proveniente de um país andino, de formação étnico-cultural distinta, num quadro em que o campesinato indígena, mineiros de Morococha e da Sierra Central, ferroviários e trabalhadores urbanos, principalmente de Lima e Callo, ainda atuavam embrionariamente junto com o PSP e a CGTP para construir um processo que deveria combater um governo autoritário burguês, enquanto daria maior voz às massas na edificação de um projeto popular; seria então, num processo de longo prazo, que iriam solidificar as bases de luta que levariam, em última instância, ao socialismo). De qualquer forma, os dois certamente devem ser vistos como pensadores originais, que marcaram a história do marxismo em nosso continente.

Na sua opinião, qual aspecto do pensamento de Mariátegui é mais relevante? Por quê?

Creio que o pensamento de Mariátegui deve ser estudado dentro de sua totalidade e unidade orgânica. Ou seja, precisa ser analisado a partir de suas vertentes políticas, econômicas e culturais, sempre tendo em conta o contexto histórico e os dilemas da época em que atuava. Sendo assim, suas posições sobre questões ligadas a temas como educação, indigenismo, acesso à terra, partido, sindicato, literatura, organização política e os caminhos da revolução socialista devem ser todas valorizadas como parte de um esforço intelectual mais amplo para entender a complexidade de seu tempo e as soluções para os problemas do Peru (e da América Latina), a partir de uma relação dialética entre os aspectos universais das forças do capitalismo monopolista em nível internacional e as particularidades do processo histórico da região, suas características locais e seus aspectos culturais. Não custa lembrar que Mariátegui desempenhou, ao mesmo tempo, um papel de organizador da cultura e de organizador político. E tentou articular essas duas vertentes, que para ele, eram inseparáveis. Este aspecto daria grande riqueza e profundidade à sua análise e atuação como jornalista, teórico, polemista, crítico literário, divulgador do marxismo e fundador e dirigente de importantes organizações dos trabalhadores.

O mariateguismo constituiu-se como uma corrente extremamente diversificada, com tendências político-ideológicas das mais distintas que se possa imaginar. Sua apropriação pela nova esquerda peruana o apresentou como culturalista, marxista ortodoxo, aprista, inspirador de movimentos guerrilheiros como Sendero Luminoso e outras tantas. Alberto Flores Galindo, em um artigo no final da década de 1970, assinalando essa apropriação de centenas de movimentos de esquerda sobre sua figura, dizia ironicamente que Mariátegui transformou-se em um “obstáculo da esquerda peruana”. Por que a esquerda tem tanta dificuldade em “profanizar” seus autores, permanecendo, muitas vezes, reproduzindo uma sacralização e veneração bíblica de suas ideias e de sua figura? O que você pensa sobre esse fato?

Não sei se existe, propriamente, uma corrente ou tendência “mariateguista” dentro do marxismo, ainda que as interpretações da obra de JCM certamente sejam bastante variadas (o próprio Alberto Flores Galindo chegou a dizer que o “mariateguismo” acabou se tornando mais uma aspiração que uma realidade, ou seja, “um estilo de encarar os problemas e não uma resposta a eles”). As ideias do Amauta foram apropriadas por grupos diferentes e até mesmo manipuladas. Há desde leituras “culturalistas” e “liberais” de seus textos até visões de ultraesquerda, extremamente distorcidas e radicais (nas quais trechos pinçados e descontextualizados de seus artigos são tomados como a totalidade de seu pensamento e sua “verdadeira” visão de mundo). Mariátegui foi chamado de “leninista”, “aprista”, “populista” e até mesmo de “*bolchevique d’annunziano*”. Seria reivindicado inclusive por maoístas. Houve até quem dissesse que ele seria um defensor ou apoiador de Stálin. Não podemos nos esquecer que o termo “mariateguismo” surgiu nos anos 1930 com sentido pejorativo e só depois seria utilizado de forma favorável, muitas vezes por gente que queria se aproveitar do crescente prestígio de seu nome (até mesmo comunistas “ortodoxos” que antes haviam criticado o Amauta). Seu legado funcionou quase como um “guarda-chuva” ideológico. Foi admirado por artistas, intelectuais e dirigentes tão díspares como David Alfaro Siqueiros, Tristán Maróf, Waldo Frank, Samuel Glusberg, Roberto Fernández Retamar, Nelson Werneck Sodré, Florestan Fernandes, Subcomandante Marcos, Che Guevara e Abimael Guzmán! Mas isso não é algo que ocorre apenas com ele. Há análises bastante heterogêneas de outros autores, como Antonio Gramsci (reivindicado desde setores à direita até os elementos mais esquerdistas no espectro político) e o próprio Che Guevara, já comentado aqui. Neste caso, há discussões que aproximam Che tanto de Trotsky como de Stálin! Isso mostra como esses personagens são lidos por uma diversidade de ângulos. E como sua imagem pode ser, muitas vezes, manipulada com objetivos políticos.

Vocês me perguntam também por que a esquerda tem tanta dificuldade em “profanizar” seus autores, permanecendo, muitas vezes, reproduzindo uma sacralização e veneração bíblica de suas ideias e de sua figura. Eu diria que não só a esquerda “sacraliza” e “venera” seus “heróis”. Para consolidar os marcos

ideológicos de sistemas econômicos, de unidades nacionais ou de organizações políticas, por exemplo, são construídos mitos, que servem como fator de integração, de inspiração e de estímulo à manutenção da ordem; como exemplo a seguir; e como forma de incorporação da população (ou grupos específicos) a um projeto em comum. Nos Estados Unidos, podemos lembrar de nomes como George Washington, Thomas Jefferson e Abraham Lincoln; na antiga União Soviética, Lênin; na Venezuela, Simón Bolívar; em Cuba, José Martí; e assim por diante. Todos, é claro, admirados por alguns (em geral, pelo *establishment*, hegemônico no poder) e contestados (ou “reinterpretados”) por grupos antagônicos politicamente, que tinham (e têm) seus próprios “heróis” (ou sua visão particular sobre os mesmos personagens). A disputa ideológica é sempre intensa.

No caso da esquerda, há setores que admiram Guevara e outros, também adeptos do marxismo, que são bastante críticos a ele, às suas ideias e à sua atuação revolucionária. O mesmo pode ser dito de nomes como Fidel, Mao, Stálin e Lênin, só para citar alguns. Mas a tarefa dos intelectuais honestos é sempre ler de forma séria, profunda e crítica a obra de todos esses personagens.

O caso de Mariátegui é distinto, porque ele não liderou uma revolução triunfante tampouco assumiu um posto dentro do Estado. Os debates sobre ele se limitam, principalmente, ao meio acadêmico e a algumas agremiações políticas (principalmente no Peru), sem, contudo, influenciar as discussões entre tendências marxistas na maior parte do mundo.

Resumo

A entrevista tem como objetivo discutir a difusão, circulação e apropriação do pensamento de José Carlos Mariátegui no Brasil com o historiador brasileiro Luiz Bernardo Pericás, que, além de estudioso do marxismo brasileiro e latino-americano, tem sido um dos principais divulgadores do pensador peruano no país. **Palavras-chave:** marxismo latino-americano; José Carlos Mariátegui; marxismo brasileiro.

Abstract

The interview aims to discuss the diffusion, circulation and appropriation of José Carlos Mariátegui's thought in Brazil with the Brazilian historian Luiz Bernardo Pericás, who, in addition to being a scholar of Brazilian and Latin American Marxism, has been one of the main promoters of the Peruvian thinker in the country.

Keywords: Latin American Marxism; José Carlos Mariátegui; Brazilian Marxism.